aurum
Revista Multidisciplinar

ISSN: 3085-7783

USO EXCESSIVO DE TELAS NA INFÂNCIA: POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

EXCESSIVE SCREEN USE IN CHILDHOOD: POSSIBLE IMPACTS ON THE COGNITIVE AND SOCIAL DEVELOPMENT OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION CHILDREN

https://doi.org/10.63330/armv2n11-030

Submetido em: 19/11/2026 e Publicado em: 25/11/2026

ARM: e262709

Eduarda Gonçalves da Silva Fortunato
Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras, campus Saquarema, Rio de Janeiro, Brasil.

Izabella Vitória Costa de Almeida
Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras, campus Saquarema, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: Izabellavitoriacostadealmeida@gmail.com

Tainara Chagas Matschuck
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn)-UFF.
E-mail: tainaramatschuck@gmail.com

Juliana de Oliveira Lima Vianna
Doutora em Letras pela UER
E-mail: Juliana.vianna@univassouras.edu.br

Resumo

O uso crescente de dispositivos digitais durante a infância tem despertado preocupações sobre seus possíveis impactos no desenvolvimento infantil. O presente estudo teve como objetivo analisar os possíveis impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e social de crianças da Educação Infantil, considerando o contexto de utilização das tecnologias e a importância da mediação familiar e escolar. A metodologia consistiu em uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizada por meio da análise de livros, artigos científicos e documentos institucionais. O levantamento foi desenvolvido nas bases SciELO, CAPES e Google Acadêmico, considerando publicações entre 2016 e 2026, além de obras clássicas relacionadas ao desenvolvimento infantil. Os resultados da revisão indicaram que a exposição prolongada às telas pode estar associada a dificuldades relacionadas à atenção, à linguagem, ao sono e às interações sociais. Entretanto, observou-se que essas possíveis repercussões dependem também da qualidade dos conteúdos, do tempo de utilização, das condições familiares e do acompanhamento dos adultos. Concluiu-se que o uso das tecnologias digitais na primeira infância exige orientação e equilíbrio,

sendo fundamental a atuação conjunta da família e da escola para preservar as experiências de brincadeira, convivência e aprendizagem necessárias ao desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento cognitivo; Desenvolvimento social; Educação Infantil; Tecnologias digitais; Uso de telas.

Abstract

The increasing use of digital devices during childhood has raised concerns about their possible impacts on child development. This study aimed to analyze the possible impacts of excessive screen use on the cognitive and social development of children in early childhood education, considering the context of digital technology use and the importance of family and school mediation. The methodology consisted of bibliographic research with a qualitative and descriptive approach, based on the analysis of books, scientific articles, and institutional documents. The literature search was conducted using SciELO, CAPES, and Google Scholar, considering publications from 2016 to 2026, as well as classical works related to child development. The findings indicated that prolonged screen exposure may be associated with difficulties related to attention, language, sleep, and social interactions. However, these possible effects also depend on content quality, duration of use, family circumstances, and adult supervision. It was concluded that the use of digital technologies in early childhood requires guidance and balance, with cooperation between families and schools being essential to preserve opportunities for play, social interaction, and learning that support child development.

Keywords: Cognitive development; Digital technologies; Early childhood education; Screen use; Social development.

1 INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais tem provocado mudanças na sociedade, influenciando a maneira como as pessoas se comunicam, aprendem e se relacionam. Atualmente, dispositivos como celulares, tablets, computadores e televisores fazem parte da rotina de muitas famílias, estando presentes também no cotidiano das crianças. Segundo dados publicados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), a proporção de crianças de 0 a 2 anos usuárias de Internet passou de 9%, em 2015, para 44%, em 2024. Entre crianças de 3 a 5 anos, o indicador passou de 26% para 71% no mesmo período (CGI.br, 2025). Essas estimativas baseiam-se em informações prestadas por adultos moradores dos domicílios e indicam a ampliação do acesso à Internet, não permitindo, isoladamente, caracterizar o tempo diário de exposição às telas.

A primeira infância constitui um período de intensas transformações cognitivas, sociais, emocionais e motoras. Nesse período, as experiências vivenciadas pela criança e as relações estabelecidas com o ambiente contribuem para sua aprendizagem e formação. Bueno (2025) destaca a importância dessas experiências para o desenvolvimento infantil, enquanto Colman e De Proença (2021) discutem as possíveis consequências do uso inadequado das tecnologias no processo de aprendizagem. Dessa maneira, a presença cada vez maior dos dispositivos digitais na infância exige atenção quanto à forma como são utilizados e ao espaço que ocupam nas atividades diárias.

O uso excessivo de telas pode estar associado a dificuldades relacionadas à atenção, ao sono, à comunicação e às interações sociais, embora essas possíveis repercussões dependam de diferentes fatores (Kar et al. 2025). Na Educação Infantil, essa discussão merece atenção, pois as brincadeiras, as atividades lúdicas, o contato com outras crianças e as experiências presenciais são importantes para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. Assim, é necessário compreender em quais situações a utilização frequente de dispositivos digitais pode limitar essas experiências e quais condições favorecem um uso mais adequado das tecnologias (Mallawaarachchi et al. 2024).

Oliveira et al. (2021) ressaltam que os possíveis efeitos das tecnologias sobre o desenvolvimento infantil dependem não apenas do tempo de exposição, mas também do tipo de conteúdo acessado, da interatividade, da supervisão dos adultos e do contexto de utilização, sendo importante considerar as oportunidades de aprendizagem proporcionadas por experiências digitais adequadas à faixa etária.

Nesse entendimento, a família e a escola exercem papel importante na formação de hábitos e comportamentos relacionados ao uso das tecnologias. Pais, responsáveis e educadores participam da organização da rotina infantil e podem contribuir para estabelecer limites, selecionar conteúdos e incentivar atividades que não dependam exclusivamente dos dispositivos digitais (Machado, 2025). A escola também possui responsabilidade nesse processo, especialmente por oferecer oportunidades de convivência, brincadeiras e aprendizagem coletiva. Dessa forma, a mediação dos adultos pode favorecer uma relação mais equilibrada entre o uso das tecnologias e as experiências necessárias ao desenvolvimento da criança (Silva et al. 2026).

As contribuições de Piaget (2012) e Vygotsky (2007) oferecem fundamentos para compreender a importância das experiências, das interações sociais e da mediação no desenvolvimento infantil. Embora suas teorias não tenham abordado diretamente os dispositivos digitais contemporâneos, possibilitam reflexões sobre a relação entre as experiências vivenciadas pelas crianças e o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e sociais, contribuindo para a análise das práticas pedagógicas na Educação Infantil.

Diante disso, justifica-se a importância da pesquisa pela necessidade de ampliar a compreensão sobre os possíveis impactos do uso excessivo de telas durante a primeira infância, considerando a presença crescente desses dispositivos na rotina familiar e escolar. O estudo apresenta relevância para a área da

Educação, especialmente para a Pedagogia, ao contribuir para discussões sobre o desenvolvimento infantil, as práticas educativas e a importância da mediação familiar e escolar na utilização das tecnologias digitais (Haidt, 2024).

Considerando que o desenvolvimento infantil envolve diferentes fatores e que a utilização de dispositivos digitais ocorre em diversos contextos, torna-se necessário investigar suas possíveis repercussões sem estabelecer uma relação direta e única de causa e efeito. Dessa forma, surge o problema de pesquisa: quais são os possíveis impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e social de crianças da Educação Infantil?

O objetivo geral do estudo é analisar, por meio de revisão bibliográfica, os possíveis impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e social de crianças da Educação Infantil, considerando o contexto de utilização das tecnologias digitais e a importância da mediação familiar e escolar. Como objetivos específicos, busca-se analisar a presença das tecnologias digitais no cotidiano das famílias e das crianças; investigar os possíveis impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e social infantil; e refletir sobre a importância da mediação familiar e escolar para a utilização consciente e equilibrada das tecnologias.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, com o objetivo de compreender as possíveis relações entre o uso excessivo de telas e o desenvolvimento cognitivo e social de crianças na Educação Infantil. Segundo Gil (2022), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já publicados, como livros, artigos científicos e documentos, permitindo reunir e analisar diferentes conhecimentos sobre determinado tema.

A pesquisa foi realizada entre junho e novembro de 2026, por meio da consulta a livros, artigos científicos e documentos institucionais relacionados ao uso das tecnologias digitais na infância. As buscas foram realizadas nas bases SciELO, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, utilizando termos relacionados ao uso de telas, desenvolvimento infantil, tecnologias digitais e Educação Infantil. Foram consideradas publicações de 2016 a 2026, além de obras anteriores importantes para a fundamentação teórica, como Vygotsky (2007), Piaget e Inhelder (2012) e Palangana (2015).

Como critérios de inclusão, foram considerados materiais disponíveis na íntegra, em português e inglês, que abordassem o uso de telas na infância e suas possíveis consequências para o desenvolvimento infantil. Foram excluídos materiais que não apresentavam relação direta com o tema ou que tratavam exclusivamente de adolescentes e adultos.

A seleção dos materiais ocorreu por meio da leitura dos títulos, resumos e, posteriormente, dos textos completos considerados relevantes para a pesquisa. Não houve registro detalhado das datas de cada

busca, das combinações exatas dos termos utilizados e da quantidade de estudos inicialmente encontrados e excluídos. Assim, foram utilizados na análise os livros, artigos e documentos apresentados nas referências do trabalho, selecionados de acordo com sua relação com os objetivos da pesquisa.

A análise foi realizada por meio da leitura e comparação das informações encontradas, considerando três aspectos principais: os possíveis efeitos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo, as consequências para as relações sociais e a importância da orientação dos familiares e professores. Dessa forma, buscou-se relacionar as pesquisas atuais com os conhecimentos de Piaget e Vygotsky, contribuindo para uma melhor compreensão do uso das tecnologias digitais na Educação Infantil.

3 OS AVANÇOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUA PRESENÇA NO COTIDIANO DAS FAMÍLIAS E DAS CRIANÇAS

A expansão das tecnologias digitais provocou mudanças nas formas de comunicação, entretenimento e aprendizagem, tornando dispositivos como smartphones, tablets, computadores e televisores conectados à internet cada vez mais presentes no cotidiano das famílias. Muller e Fantin (2022) destacam que a cultura digital vem transformando as práticas culturais e criando novos espaços de interação e socialização, influenciando também as experiências vivenciadas pelas crianças desde os primeiros anos de vida.

No ambiente familiar, esses recursos passaram a ser utilizados em diferentes situações, como momentos de lazer, comunicação com familiares, atividades educativas e entretenimento. Segundo Nepomuceno, Gomes e Claro (2025), as tecnologias digitais também possibilitam a participação dos usuários na produção e no compartilhamento de conteúdo, ampliando as formas de interação no ambiente virtual. Entretanto, a presença desses dispositivos na rotina doméstica exige atenção à maneira como são utilizados, especialmente quando envolvem crianças pequenas, que ainda dependem da orientação dos adultos para compreender e organizar suas experiências.

A utilização das tecnologias pelas crianças também está relacionada aos hábitos e às condições de vida das famílias. Em muitos casos, os dispositivos digitais fazem parte da rotina dos responsáveis e acabam sendo incorporados às atividades infantis. Haidt (2024) discute as mudanças provocadas pela presença constante das tecnologias na infância, chamando a atenção para a necessidade de equilibrar as experiências digitais com outras atividades do cotidiano. Nesse sentido, é importante compreender que o contato com as telas não representa, necessariamente, um uso excessivo, pois seus possíveis efeitos dependem da frequência, da duração, dos conteúdos acessados e das condições em que ocorre a utilização.

Outro aspecto importante envolve as condições sociais e econômicas das famílias, que podem influenciar tanto o acesso às tecnologias quanto as possibilidades de acompanhamento das crianças. Em alguns contextos, a disponibilidade de dispositivos e de conexão à internet favorece o acesso a conteúdos

educativos e atividades interativas. Em outros, dificuldades econômicas e limitações de infraestrutura podem restringir essas oportunidades. Muller e Fantin (2022) ressaltam que as experiências digitais não ocorrem de maneira igual para todas as crianças, sendo necessário considerar as diferenças sociais e culturais presentes na realidade familiar.

Além das condições econômicas, a organização da rotina doméstica também pode influenciar os hábitos digitais infantis. Famílias com jornadas extensas de trabalho, dificuldades para conciliar as responsabilidades profissionais e domésticas ou poucas alternativas de lazer podem recorrer às telas em determinados momentos do dia. Dessa forma, a utilização dos dispositivos não deve ser analisada isoladamente, mas considerando as necessidades, as possibilidades e as dificuldades enfrentadas pelos responsáveis no acompanhamento das crianças.

O contexto cultural e educacional também participa da construção desses hábitos. As experiências dos adultos com as tecnologias, seus conhecimentos sobre os conteúdos digitais e suas concepções sobre educação influenciam as orientações oferecidas às crianças. Assim, algumas famílias utilizam os dispositivos como recursos para atividades educativas compartilhadas, enquanto outras os empregam principalmente para entretenimento. Essas diferenças demonstram a importância da mediação familiar, especialmente na escolha de conteúdos adequados à idade e na organização de momentos que envolvam brincadeiras, conversas e convivência presencial.

Para Frizzo (2022) e Lara et al. (2022), a pandemia de Covid-19 também contribuiu para ampliar a presença das tecnologias digitais no cotidiano infantil. Durante o período de isolamento social, os dispositivos passaram a ser utilizados com maior frequência para comunicação, atividades escolares, lazer e entretenimento. Brito et al. (2023), em estudo realizado com mães de crianças menores de três anos e profissionais da educação, identificaram a importância assumida pelas telas durante as restrições sanitárias, evidenciando mudanças nos hábitos familiares relacionados à utilização desses recursos.

Dessa maneira, a presença das tecnologias digitais na infância deve ser compreendida como parte das transformações sociais e culturais que atingem as famílias. Embora esses recursos ofereçam possibilidades de comunicação, entretenimento e aprendizagem, sua utilização depende das condições familiares e das orientações oferecidas pelos adultos. Portanto, compreender como as tecnologias são introduzidas no cotidiano infantil constitui uma etapa importante para discutir suas possíveis relações com o desenvolvimento das crianças.

3.1 A INSERÇÃO PRECOCE DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA INFÂNCIA

O contato das crianças com as tecnologias digitais ocorre, principalmente, no ambiente familiar, onde celulares, tablets e televisores são utilizados para diferentes finalidades. Aquino, Caetano e Aquino (2022) e Azevedo et al. (2022) destacam que a interação de crianças entre 2 e 5 anos com dispositivos

digitais já faz parte de suas experiências cotidianas, demonstrando a importância de compreender como esses recursos são apresentados e incorporados à rotina durante a primeira infância.

A inserção precoce das tecnologias está relacionada ao ambiente em que a criança vive e aos comportamentos observados nas pessoas com quem convive. Quando os adultos utilizam frequentemente dispositivos digitais para trabalhar, comunicar-se ou buscar entretenimento, esses recursos também passam a despertar o interesse infantil. Nesse contexto, as crianças podem demonstrar curiosidade pelas telas e procurar reproduzir comportamentos observados no cotidiano familiar, tornando o acompanhamento dos responsáveis importante desde os primeiros contatos.

Entretanto, Muller e Fantin (2022) ressaltam que o acesso às tecnologias não ocorre de maneira uniforme, pois está relacionado às condições sociais, econômicas e culturais das famílias. Enquanto algumas crianças possuem diferentes dispositivos e acesso constante à internet, outras enfrentam limitações relacionadas à conectividade e à disponibilidade desses recursos. Essas desigualdades também podem influenciar as oportunidades de participação em atividades educativas digitais e o acompanhamento realizado pelos adultos.

A primeira infância constitui uma etapa importante para a construção de conhecimentos e para a participação em experiências que envolvem o ambiente físico e social. Na perspectiva de Piaget e Inhelder (2012), a criança desenvolve conhecimentos a partir de suas ações e experiências com o meio. Dessa forma, a utilização das tecnologias deve ser compreendida como uma possibilidade complementar às atividades concretas, às brincadeiras e à exploração do ambiente, sem substituir essas experiências fundamentais para a aprendizagem.

Vygotsky (2007), por sua vez, destaca a importância das interações sociais e da mediação no desenvolvimento infantil. A partir dessa perspectiva, o contato com recursos digitais pode ser acompanhado por situações de diálogo e participação entre crianças e adultos. Assim, quando os responsáveis conversam sobre os conteúdos apresentados, fazem perguntas e relacionam as atividades digitais às experiências cotidianas, contribuem para tornar o uso das tecnologias uma experiência compartilhada.

Oliveira et al. (2021) ressaltam que a utilização das tecnologias na infância deve ser analisada considerando não apenas o tempo de exposição, mas também o tipo de conteúdo acessado, a interatividade, a supervisão dos adultos e o contexto em que ocorre o uso. Dessa maneira, atividades digitais educativas realizadas com acompanhamento apresentam características diferentes da exposição prolongada a conteúdos utilizados apenas para entretenimento, sendo necessário considerar as particularidades de cada situação.

Outro aspecto importante envolve a participação das instituições de Educação Infantil na orientação sobre o uso das tecnologias. A escola pode contribuir para ampliar o diálogo com as famílias, oferecendo informações sobre a seleção de conteúdos adequados à faixa etária e a importância de equilibrar

experiências digitais e presenciais. Nesse sentido, a aproximação entre família e escola pode favorecer práticas educativas que considerem as necessidades das crianças e as transformações provocadas pela cultura digital.

Colman e De Proença (2021) discutem a importância de considerar a maneira como as tecnologias são utilizadas no processo de aprendizagem. Essa reflexão reforça que a presença dos dispositivos, por si só, não determina a qualidade das experiências educativas. É necessário observar as finalidades de sua utilização, as características dos conteúdos e as oportunidades de participação ativa das crianças, respeitando suas necessidades e seu estágio de desenvolvimento.

Dessa forma, a inserção precoce das tecnologias digitais deve ser compreendida a partir das relações estabelecidas entre a criança, a família, a escola e o ambiente social. O acompanhamento dos adultos e a organização de uma rotina equilibrada são aspectos importantes para que os recursos digitais sejam utilizados de maneira adequada à faixa etária. A partir dessa contextualização, torna-se possível aprofundar, no capítulo seguinte, a discussão sobre as possíveis relações entre a exposição excessiva às telas e o desenvolvimento cognitivo e social das crianças na Educação Infantil.

4 DO USO EXCESSIVO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

4.1 IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

O desenvolvimento cognitivo envolve habilidades relacionadas à atenção, memória, linguagem, percepção, raciocínio e aprendizagem, que passam por importantes transformações durante a primeira infância. Nesse período, as experiências vivenciadas pelas crianças contribuem para a construção de conhecimentos e o desenvolvimento de diferentes capacidades. Maia (2017) destaca a importância dessas habilidades para a aprendizagem infantil, enquanto Piaget e Inhelder (2012) compreendem o desenvolvimento cognitivo como um processo construído progressivamente a partir da interação da criança com o ambiente.

A relação entre o uso de telas e o desenvolvimento cognitivo tem sido investigada por diferentes pesquisadores, que procuram compreender de que maneira a frequência, a duração e as características da exposição digital podem estar associadas às habilidades infantis. Madigan et al. (2019), em um estudo longitudinal envolvendo 2.441 mães e crianças, identificaram que níveis mais elevados de tempo de tela aos 24 e 36 meses estavam associados a resultados inferiores nas avaliações posteriores dos marcos do desenvolvimento, realizadas aos 36 e 60 meses, respectivamente. Esses resultados sugerem que a exposição prolongada pode estar relacionada a dificuldades em determinadas áreas do desenvolvimento, embora não seja possível estabelecer uma relação direta de causa e efeito.

De maneira complementar, Mallawaarachchi et al. (2024) analisaram associações entre diferentes características do uso de telas e aspectos cognitivos e psicossociais do desenvolvimento infantil. Os

pesquisadores identificaram que a maior exposição a programas audiovisuais e a presença da televisão ligada ao fundo estavam associadas a resultados cognitivos menos favoráveis. Esses achados ampliam a discussão apresentada por Madigan et al. (2019), pois demonstram a importância de considerar não apenas a quantidade de tempo diante das telas, mas também as características do ambiente e a forma como os dispositivos são utilizados.

Ao comparar essas pesquisas, observa-se que Madigan et al. (2019) investigaram principalmente a relação entre o tempo de exposição e os marcos do desenvolvimento ao longo dos primeiros anos de vida, enquanto Mallawaarachchi et al. (2024) consideraram diferentes características das experiências digitais. Dessa forma, os estudos apresentam abordagens complementares, indicando que a análise dos possíveis impactos cognitivos precisa considerar tanto a duração da exposição quanto o contexto em que ela ocorre. Entretanto, as diferenças metodológicas e os instrumentos utilizados nas pesquisas devem ser consideradas antes de estabelecer conclusões gerais sobre os efeitos das telas.

Outro aspecto importante refere-se ao desenvolvimento da linguagem, uma das habilidades fundamentais para a aprendizagem e a comunicação infantil. Na perspectiva de Vygotsky (2007), a linguagem se desenvolve por meio das relações sociais e participa da organização do pensamento. Nesse sentido, as oportunidades de diálogo e comunicação entre crianças e adultos representam experiências importantes, especialmente durante os primeiros anos de vida.

Takahashi et al. (2023) investigaram a relação entre o tempo de exposição às telas na primeira infância e indicadores posteriores do desenvolvimento infantil. O estudo identificou associações entre maior tempo de tela aos 12 meses e maior probabilidade de atrasos nos domínios de comunicação e resolução de problemas em avaliações posteriores, especialmente entre crianças com exposição mais prolongada. Esses resultados contribuem para a compreensão de que determinadas habilidades cognitivas podem apresentar associações diferentes com o tempo de utilização dos dispositivos.

Os achados de Takahashi et al. (2023) podem ser relacionados aos resultados de Madigan et al. (2019), uma vez que ambos identificaram associações entre maior exposição às telas nos primeiros anos de vida e indicadores menos favoráveis do desenvolvimento. Entretanto, enquanto Madigan et al.. (2019) avaliaram marcos do desenvolvimento de maneira mais ampla, Takahashi et al. (2023) apresentaram resultados específicos relacionados à comunicação e à resolução de problemas. Essa comparação demonstra a importância de observar quais habilidades foram avaliadas em cada pesquisa, evitando generalizar os resultados para todas as dimensões do desenvolvimento cognitivo.

Além do tempo de exposição, a qualidade das experiências digitais também merece atenção e no estudo de Mallawaarachchi et al. (2024) identificaram que diferentes características do uso de telas apresentaram associações distintas com os resultados do desenvolvimento. Nesse contexto, a exposição passiva a conteúdos audiovisuais e a presença constante da televisão no ambiente precisam ser diferenciadas

de experiências digitais acompanhadas por adultos, nas quais podem ocorrer interações e oportunidades de aprendizagem. Essa distinção reforça que o uso das tecnologias não deve ser compreendido como uma experiência única, pois suas características podem variar conforme o conteúdo, a participação dos responsáveis e a organização da rotina familiar.

A análise conjunta dessas pesquisas também permite compreender que os resultados menos favoráveis não devem ser atribuídos exclusivamente à presença dos dispositivos digitais. Fatores como condições socioeconômicas, qualidade do sono, oportunidades de interação, ambiente familiar e experiências educativas podem influenciar o desenvolvimento infantil. Palangana (2015) destaca que o desenvolvimento cognitivo está relacionado a diferentes condições e experiências vivenciadas pela criança, sendo necessário considerar a complexidade desse processo.

Desmurget (2024) também apresenta uma análise crítica sobre a exposição das crianças às tecnologias digitais, destacando preocupações relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, à linguagem e à aprendizagem. O autor chama a atenção para o tempo dedicado aos dispositivos e para a possibilidade de que seu uso excessivo reduza oportunidades de leitura, interação e realização de outras atividades importantes para o desenvolvimento infantil. Suas reflexões reforçam a necessidade de considerar não apenas a presença das telas, mas também o espaço que ocupam na rotina das crianças. Entretanto, é importante reconhecer que os possíveis efeitos dessa exposição dependem de diferentes fatores, não sendo adequado atribuir todas as dificuldades de aprendizagem exclusivamente ao uso das tecnologias.

Apesar das diferenças entre as pesquisas, observa-se uma preocupação comum com a exposição prolongada e com as condições em que os dispositivos são utilizados. Assim, no contexto da Educação Infantil, torna-se importante que famílias e educadores acompanhem os hábitos digitais das crianças, valorizando experiências diversificadas de aprendizagem e considerando as particularidades de cada faixa etária.

4.2 IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O desenvolvimento social infantil está relacionado à construção de vínculos, à comunicação, à expressão de sentimentos e à participação em atividades coletivas. Segundo Palangana (2015), essas habilidades são desenvolvidas progressivamente por meio das experiências vivenciadas pela criança em seu ambiente familiar e social. Na perspectiva de Vygotsky (2007), as interações com outras pessoas desempenham um papel fundamental nesse processo, pois favorecem a aprendizagem de comportamentos, valores e formas de convivência.

Nesse contexto, a utilização de dispositivos digitais durante a primeira infância tem despertado discussões sobre suas possíveis relações com o desenvolvimento social. Araújo et al. (2024) destacam que a exposição excessiva às telas pode representar uma preocupação quando ocupa períodos que poderiam ser

destinados à convivência presencial. Entretanto, essa relação não significa que o uso das tecnologias provoque necessariamente isolamento social, pois seus possíveis efeitos dependem da frequência, da finalidade e das condições em que os dispositivos são utilizados.

Um dos aspectos que merece atenção é o uso individualizado das telas, especialmente quando a criança permanece por períodos prolongados assistindo a vídeos ou utilizando aplicativos sem a participação de outras pessoas. Nessas situações, podem ocorrer menos oportunidades de diálogo, compartilhamento de experiências e participação em atividades coletivas. Essas interações são importantes porque permitem que a criança aprenda a negociar, compreender diferentes pontos de vista, respeitar regras e lidar com situações de conflito. Assim, a preocupação está relacionada principalmente à possibilidade de as experiências digitais substituírem, de maneira frequente, momentos importantes de convivência.

Mallawaarachchi et al. (2024), ao analisarem diferentes características da utilização de telas na primeira infância, identificaram associações entre determinadas formas de exposição digital e resultados psicossociais menos favoráveis. Entre os aspectos investigados, destacaram-se a exposição a conteúdos inadequados à idade e a utilização de dispositivos pelos responsáveis durante momentos da rotina infantil. Esses resultados demonstram que a relação entre as tecnologias e o desenvolvimento social não depende exclusivamente do tempo de exposição, mas também das condições em que a criança utiliza os dispositivos e da participação dos adultos.

A utilização frequente de celulares pelos responsáveis durante momentos de convivência também merece atenção, pois pode interferir na disponibilidade para conversar, responder às necessidades da criança e participar de atividades compartilhadas. Nesse sentido, os resultados apresentados por Mallawaarachchi et al. (2024) contribuem para ampliar a discussão, demonstrando que os hábitos digitais dos adultos também devem ser considerados.

Outro aspecto importante refere-se às oportunidades de participação em brincadeiras coletivas e ao desenvolvimento socioemocional infantil que o estudo de Xu et al. (2025) investigaram a partir da relação entre o uso de telas e problemas socioemocionais em crianças pré-escolares pertencentes a famílias migrantes com elevada escolaridade, por meio de um estudo de acompanhamento de um ano. A pesquisa permite discutir a relação entre os hábitos digitais e o desenvolvimento socioemocional, considerando uma população específica e a observação das crianças ao longo do tempo. No contexto da Educação Infantil, esses aspectos reforçam a importância de observar como o uso dos dispositivos se relaciona com as oportunidades de convivência, comunicação e participação em atividades coletivas, sem atribuir automaticamente possíveis dificuldades sociais à exposição às telas.

As brincadeiras simbólicas também possuem importância para o desenvolvimento social, pois permitem que as crianças representem situações do cotidiano, experimentem diferentes papéis e desenvolvam habilidades de comunicação e convivência. Na perspectiva de Vygotsky (2007), as interações

sociais e as atividades compartilhadas participam da construção da aprendizagem infantil. Dessa forma, é importante que a rotina das crianças preserve momentos destinados às brincadeiras de faz de conta, à imaginação e às experiências coletivas. A utilização prolongada de dispositivos digitais merece atenção quando reduz as oportunidades de participação nessas atividades, embora seus possíveis efeitos dependam das condições familiares e da organização do cotidiano.

Por outro lado, é importante reconhecer que as tecnologias digitais também podem proporcionar experiências compartilhadas. Mallawaarachchi et al. (2024) discutem diferentes características do uso de dispositivos na infância, permitindo compreender que as experiências digitais não são necessariamente individuais ou passivas. Quando crianças e adultos participam juntos de atividades digitais, podem ocorrer oportunidades de diálogo, troca de informações e interação. Dessa maneira, a presença de um dispositivo não significa, obrigatoriamente, ausência de convivência social.

Essa diferença também aparece nos resultados de Mallawaarachchi et al. (2024), que identificaram associação positiva entre a utilização compartilhada de dispositivos e determinados resultados cognitivos. Embora esse achado esteja relacionado principalmente ao desenvolvimento cognitivo, ele contribui para a compreensão da importância da participação dos adultos nas experiências digitais. Assim, o acompanhamento familiar pode favorecer situações em que a criança converse sobre os conteúdos apresentados, faça perguntas e compartilhe suas descobertas.

Ao comparar as contribuições de Araújo et al. (2024) e Mallawaarachchi et al. (2024) observa-se que a discussão sobre as tecnologias e o desenvolvimento social precisa considerar as oportunidades de interação disponíveis no cotidiano infantil. Enquanto a exposição prolongada e individualizada pode reduzir o tempo destinado à convivência presencial, a utilização acompanhada pode fazer parte de experiências compartilhadas. Portanto, não é adequado estabelecer uma relação automática entre o uso de telas e o isolamento social, sendo necessário observar as particularidades de cada criança e de seu ambiente familiar.

Além disso, fatores como a organização da rotina doméstica, as condições socioeconômicas, a disponibilidade dos responsáveis e as oportunidades de convivência com outras crianças também influenciam o desenvolvimento social. Dessa forma, possíveis dificuldades relacionadas à comunicação, à cooperação e à construção de vínculos não devem ser atribuídas exclusivamente à utilização de dispositivos digitais, uma vez que o desenvolvimento infantil envolve diferentes experiências e condições sociais.

Diante disso, compreende-se que os possíveis impactos sociais do uso excessivo de telas estão relacionados principalmente à maneira como esses recursos são incorporados ao cotidiano das crianças. Na Educação Infantil, torna-se importante valorizar práticas pedagógicas que favoreçam a convivência, a comunicação e a participação em atividades coletivas, ao mesmo tempo em que se reconhecem as possibilidades educativas das tecnologias digitais. Assim, a orientação das famílias e a mediação dos

educadores podem contribuir para uma utilização mais equilibrada desses recursos, preservando as oportunidades de interação necessárias ao desenvolvimento infantil.

4.3 REPERCUSSÕES NO COTIDIANO E NAS EXPERIÊNCIAS DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As repercussões do uso excessivo de telas no cotidiano infantil devem ser analisadas considerando as diferentes experiências que fazem parte da rotina das crianças, tanto no ambiente familiar quanto nas instituições de Educação Infantil. Araújo et al. (2024) destacam que a utilização prolongada de dispositivos digitais pode estar relacionada à redução do tempo disponível para brincadeiras, atividades físicas e outras experiências importantes para o desenvolvimento. Nesse sentido, torna-se necessário compreender como os hábitos digitais podem influenciar a participação das crianças nas atividades desenvolvidas em creches e pré-escolas.

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade promover o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as práticas pedagógicas dessa etapa devem ser organizadas a partir de dois eixos estruturantes: as interações e a brincadeira. Esses eixos reconhecem que a aprendizagem infantil ocorre por meio da participação ativa da criança em experiências que envolvem convivência, exploração, comunicação e descoberta (Brasil, 2018).

A BNCC estabelece seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Esses direitos orientam o planejamento pedagógico e reforçam a importância de proporcionar experiências diversificadas, nas quais as crianças possam interagir com outras pessoas, movimentar-se, experimentar materiais e expressar suas ideias e sentimentos. Dessa forma, a discussão sobre o uso excessivo de telas precisa considerar se a organização da rotina infantil permite que esses direitos sejam efetivamente vivenciados (Brasil, 2018).

Entre as principais preocupações está a possibilidade de redução do tempo destinado às brincadeiras e às atividades que envolvem movimento corporal. Nesse sentido, Yuan *et al.,* (2024) investigaram a relação entre o tempo de exposição às telas e as habilidades motoras grossas de crianças em idade pré-escolar, em um estudo transversal realizado na China com crianças que viviam afastadas de um ou ambos os pais em razão da migração para o trabalho. A pesquisa aborda uma dimensão importante do desenvolvimento infantil, relacionada às habilidades motoras e à participação em atividades físicas. Entretanto, por se tratar de um estudo transversal, seus resultados não permitem estabelecer uma relação de causa e efeito. No contexto da Educação Infantil, essa discussão reforça a importância de preservar oportunidades para correr, saltar, equilibrar-se e participar de brincadeiras que envolvam diferentes movimentos corporais.

Essa compreensão está relacionada ao campo de experiências *"O eu, o outro e o nós,"* previsto na BNCC, que valoriza as relações interpessoais, a construção da identidade, a cooperação e o respeito às diferenças. Nas instituições de Educação Infantil, situações como rodas de conversa, brincadeiras coletivas e atividades em pequenos grupos favorecem a participação das crianças em experiências sociais. Assim, quando a rotina fora da escola apresenta poucas oportunidades de convivência presencial, o ambiente educativo assume importância na ampliação dessas experiências, sem que isso signifique atribuir automaticamente eventuais dificuldades sociais ao uso das telas (Brasil, 2018).

Outro aspecto importante refere-se às experiências corporais e ao movimento. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) destaca a necessidade de uma rotina equilibrada na primeira infância, considerando a atividade física, o comportamento sedentário e o sono. Essas orientações podem ser relacionadas ao campo de experiências "Corpo, gestos e movimentos", da BNCC, que valoriza as possibilidades de expressão e exploração corporal. Nesse sentido, as creches e pré-escolas devem oferecer oportunidades para que as crianças participem de atividades que envolvam deslocamentos, equilíbrio, coordenação e diferentes formas de movimentação.

A relação entre o uso de telas e o sono também merece atenção no contexto educacional, e estudos como de Dias et al. (2022) e Merin et al.(2024) destacam sobre os hábitos de descanso infantil, aspecto importante para compreender a organização da rotina das crianças. O descanso adequado contribui para o bem-estar e para a disposição durante as atividades diárias. Nas instituições de Educação Infantil, o cansaço pode interferir na participação em brincadeiras, momentos de interação e propostas pedagógicas. Entretanto, essas manifestações podem apresentar diferentes causas, sendo necessário considerar as condições familiares, os horários de sono e outros aspectos da rotina antes de relacioná-las à exposição digital.

As experiências sensoriais e motoras também ocupam lugar importante no planejamento pedagógico. Amarante (2022) destaca a relevância das atividades que envolvem o contato com materiais, texturas, sons e movimentos. Na BNCC, essas experiências podem ser relacionadas ao campo "Traços, sons, cores e formas", que contempla diferentes manifestações artísticas e possibilidades de expressão. Dessa maneira, propostas que envolvam pintura, modelagem, música e exploração de materiais contribuem para ampliar as experiências das crianças, oferecendo oportunidades que não devem ser substituídas exclusivamente por atividades realizadas em dispositivos digitais (Brasil, 2018).

Da mesma forma, o campo de experiências "Escuta, fala, pensamento e imaginação" destaca a importância das situações de comunicação, expressão oral, escuta e participação em narrativas. Nas creches e pré-escolas, a contação de histórias, as conversas entre crianças e professores e as atividades de imaginação constituem oportunidades importantes para a aprendizagem. Nesse contexto, os recursos digitais podem ser utilizados como materiais complementares, desde que estejam relacionados a objetivos

pedagógicos e acompanhados de momentos de diálogo e participação ativa, evitando que a criança permaneça apenas como espectadora dos conteúdos apresentados.

A BNCC também contempla o campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, que envolve a exploração do ambiente e a construção de conhecimentos sobre o mundo físico e social. Nesse sentido, as experiências educativas devem possibilitar que as crianças observem fenômenos, estabeleçam relações e participem de situações investigativas. A perspectiva de Piaget e Inhelder (2012) contribui para compreender a importância da ação da criança sobre o ambiente, reforçando que os recursos digitais podem complementar, mas não substituir integralmente, as experiências concretas e as descobertas realizadas no cotidiano.

A construção da autonomia também faz parte das experiências desenvolvidas na Educação Infantil, para isso, Amarante (2022) discute a importância da participação infantil nas atividades cotidianas, colocando que no ambiente institucional, a autonomia pode ser favorecida por meio da escolha de materiais, da organização dos espaços, da participação nas decisões coletivas e da realização de pequenas tarefas adequadas à idade. Essas práticas estão relacionadas ao direito de participar, previsto na BNCC, que reconhece a criança como sujeito ativo no processo educativo (Brasil, 2018).

As pesquisas de Madigan et al. (2019) e Mallawaarachchi et al. (2024) também contribuem para essa discussão ao apresentarem associações entre determinadas características do uso de telas e indicadores do desenvolvimento infantil. Entretanto, esses estudos não permitem afirmar que a utilização de dispositivos digitais provoque, necessariamente, dificuldades de participação nas atividades escolares. Suas contribuições reforçam a importância de observar a duração, os conteúdos e o contexto de utilização das tecnologias, considerando também as experiências oferecidas às crianças nos ambientes familiar e educacional.

Diante dessas questões, o papel do professor da Educação Infantil envolve organizar práticas pedagógicas que garantam oportunidades de interação, brincadeira, movimento, expressão e exploração, respeitando as necessidades e os interesses das crianças. A utilização de recursos digitais, quando presente no planejamento, deve estar relacionada a objetivos educativos definidos, considerando a faixa etária, a participação ativa das crianças e a mediação docente. Dessa forma, as tecnologias podem integrar determinadas propostas pedagógicas sem ocupar o lugar central das experiências previstas para essa etapa da educação.

Portanto, as possíveis repercussões do uso excessivo de telas no cotidiano infantil precisam ser compreendidas a partir das condições de vida das crianças e das oportunidades de aprendizagem oferecidas pelas famílias e instituições educativas. A BNCC contribui para essa reflexão ao estabelecer as interações e a brincadeira como eixos estruturantes e assegurar direitos de aprendizagem que valorizam o desenvolvimento integral. Assim, a Educação Infantil desempenha papel importante na promoção de

experiências diversificadas e na construção de práticas que favoreçam o uso equilibrado das tecnologias, tema que será aprofundado no capítulo seguinte.

5 TECNOLOGIAS NA INFÂNCIA: POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO PARA UM USO CONSCIENTE E EQUILIBRADO

5.1 A MEDIAÇÃO DA FAMÍLIA NO USO DAS TECNOLOGIAS

A família desempenha um papel importante na construção dos hábitos relacionados ao uso das tecnologias digitais durante a infância, pois é no ambiente familiar que muitas crianças estabelecem seus primeiros contatos com celulares, tablets, televisores e outros dispositivos. Nesse contexto, a mediação dos responsáveis envolve não apenas o controle do tempo de exposição, mas também o acompanhamento das atividades realizadas, a seleção dos conteúdos acessados e a organização de uma rotina que contemple diferentes experiências. Muller e Fantin (2022) destacam que a presença das tecnologias na infância deve ser compreendida considerando as condições sociais e culturais das famílias, bem como as formas de participação dos adultos nas experiências digitais das crianças.

O acompanhamento dos responsáveis constitui uma das principais possibilidades de mediação, especialmente durante a primeira infância, quando as crianças ainda estão desenvolvendo habilidades para compreender e interpretar os conteúdos apresentados. Oliveira et al. (2021) ressaltam a importância de considerar o tipo de conteúdo, a interatividade e a supervisão dos adultos na análise do uso das tecnologias. Dessa maneira, acompanhar a criança durante uma atividade digital permite observar seus interesses, esclarecer dúvidas e estabelecer relações entre as informações apresentadas e as experiências vivenciadas no cotidiano.

A seleção dos conteúdos também representa uma responsabilidade importante da família. Nem todos os vídeos, jogos e aplicativos disponíveis são adequados às necessidades e às características das crianças pequenas. Por isso, os responsáveis precisam considerar a faixa etária, a linguagem utilizada, os estímulos apresentados e as possibilidades de participação oferecidas pelos recursos digitais. Mallawaarachchi et al. (2024) identificaram associações entre determinadas características da exposição às telas e resultados do desenvolvimento infantil, incluindo aspectos relacionados à adequação dos conteúdos. Esses achados reforçam a importância de uma escolha criteriosa dos materiais disponibilizados às crianças, sem considerar que todos os recursos digitais apresentam as mesmas características.

Outro aspecto relevante envolve os hábitos digitais dos próprios adultos. As crianças convivem com diferentes formas de utilização das tecnologias e podem incorporar comportamentos observados no ambiente familiar. Nesse sentido, a mediação não deve se limitar às orientações dirigidas aos filhos, mas também envolver uma reflexão sobre a maneira como os responsáveis utilizam os dispositivos durante os momentos de convivência. Mallawaarachchi et al. (2024) observaram associações entre o uso de telas pelos

responsáveis durante determinadas situações da rotina infantil e resultados psicossociais menos favoráveis, demonstrando a importância de considerar a participação dos adultos nas experiências familiares.

A organização da rotina doméstica tem outra possibilidade de atuação dos responsáveis. A utilização das tecnologias pode ser planejada de maneira que não ocupe os períodos destinados ao sono, às refeições, às brincadeiras e à convivência familiar. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) apresenta orientações relacionadas à atividade física, ao comportamento sedentário e ao sono na primeira infância, destacando a importância do equilíbrio entre essas atividades. Dessa forma, estabelecer horários e combinar momentos de utilização dos dispositivos pode contribuir para que as experiências digitais façam parte da rotina sem substituir outras atividades necessárias ao desenvolvimento infantil.

Nessa perspectiva, Desmurget (2024) destaca a importância de preservar o tempo destinado às experiências que favorecem o desenvolvimento infantil, especialmente a leitura, as brincadeiras e a convivência familiar. O autor apresenta preocupações relacionadas à presença excessiva dos dispositivos digitais na rotina das crianças, ressaltando a necessidade de estabelecer limites e valorizar atividades que não dependam das telas. Essas reflexões reforçam a importância de organizar o cotidiano infantil de maneira equilibrada, considerando as necessidades de cada faixa etária.

Entretanto, a organização dos hábitos digitais precisa considerar as diferentes realidades familiares. Jornadas extensas de trabalho, responsabilidades domésticas e dificuldades de acesso a espaços de lazer podem influenciar a maneira como os dispositivos são utilizados. Muller e Fantin (2022) contribuem para essa reflexão ao discutirem as diferenças sociais e culturais relacionadas às experiências digitais. Assim, a orientação às famílias deve reconhecer suas condições de vida, evitando responsabilizar individualmente os responsáveis por situações que também envolvem fatores econômicos e sociais.

A interação entre adultos e crianças durante a utilização dos recursos tecnológicos também merece destaque. Na perspectiva de Vygotsky (2007), a aprendizagem está relacionada às interações sociais e à mediação realizada por outras pessoas. Dessa forma, quando um responsável acompanha uma atividade digital, conversa sobre as imagens, faz perguntas e incentiva a criança a expressar suas opiniões, pode transformar uma experiência inicialmente individual em uma oportunidade de participação compartilhada. Essa mediação não elimina a necessidade de outras experiências presenciais, mas permite que os recursos digitais sejam utilizados de maneira mais participativa.

Os resultados apresentados por Mallawaarachchi et al. (2024) também contribuem para essa discussão, pois identificaram associações positivas entre a utilização compartilhada de dispositivos e determinados resultados cognitivos. Embora essas associações não permitam afirmar que toda atividade digital acompanhada produza benefícios, elas demonstram a importância de diferenciar o uso individualizado das experiências que envolvem a participação dos responsáveis. Assim, a qualidade da interação pode representar um aspecto relevante na organização dos hábitos digitais infantis.

A mediação familiar também envolve o diálogo e a construção gradual de orientações adequadas à idade da criança. Em vez de utilizar apenas proibições, os responsáveis podem explicar, de maneira simples, por que determinados conteúdo não são apropriados e por que é importante alternar o uso dos dispositivos com outras atividades. Essa orientação deve respeitar o nível de compreensão infantil e favorecer a construção progressiva de hábitos equilibrados. Nesse processo, o exemplo dos adultos e a constância das orientações são aspectos importantes para a organização da rotina.

Portanto, a atuação da família diante das tecnologias digitais deve envolver acompanhamento, seleção de conteúdos, organização dos horários e participação nas experiências das crianças. Mais do que impedir o contato com os dispositivos, a mediação familiar busca orientar sua utilização de acordo com as necessidades da primeira infância. Dessa maneira, os responsáveis podem contribuir para a construção de hábitos digitais mais conscientes, preservando as oportunidades de convivência, aprendizagem e participação em diferentes atividades do cotidiano.

A importância da mediação familiar também é destacada no documento "*Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais"*, publicado pelo Governo Federal em 2025. O material apresenta recomendações para o acompanhamento das experiências digitais, ressaltando a necessidade de considerar a idade da criança, a qualidade dos conteúdos e a participação dos responsáveis. Entre as orientações, destaca-se a recomendação de evitar o uso de telas por crianças menores de dois anos, com exceção das videochamadas acompanhadas por adultos. Essas recomendações demonstram que a construção de hábitos digitais equilibrados deve começar nos primeiros anos de vida, respeitando as necessidades de cada etapa do desenvolvimento (Brasil, 2025a).

Além da organização do tempo de exposição, a proteção das crianças no ambiente digital envolve cuidados com a privacidade, a segurança e o acesso a conteúdo inadequados. Nesse sentido, a Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025, conhecida como Estatuto Digital da Criança e do Adolescente, estabelece medidas de proteção destinadas aos usuários menores de idade nos ambientes digitais. Embora a legislação também atribua responsabilidades aos fornecedores de produtos e serviços tecnológicos, sua existência reforça a importância de que os responsáveis conheçam os riscos relacionados à utilização de plataformas e aplicativos, buscando acompanhar as experiências digitais das crianças (Brasil, 2025b).

Dessa forma, a mediação familiar não deve ser compreendida apenas como uma forma de limitar o acesso aos dispositivos, mas como um processo contínuo de orientação e participação. As recomendações do Governo Federal (Brasil, 2025b) reforçam a necessidade de considerar as condições de utilização das tecnologias, valorizando a convivência familiar, as experiências presenciais e o acompanhamento dos adultos. Assim, a família pode contribuir para que o contato com os recursos digitais ocorra de maneira gradual, segura e adequada às características da primeira infância.

5.2 O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL DIANTE DO USO DE TELAS

A Educação Infantil desempenha um papel importante na orientação e na construção de experiências relacionadas ao uso das tecnologias digitais, especialmente porque as crianças chegam às creches e pré-escolas com diferentes vivências adquiridas no ambiente familiar. Nesse contexto, a instituição educativa precisa reconhecer a presença desses recursos na sociedade e compreender suas possibilidades pedagógicas, sem desconsiderar a importância das interações presenciais, das brincadeiras e das experiências concretas. Muller e Fantin (2022) destacam que a cultura digital participa das transformações sociais e educativas, exigindo reflexões sobre a maneira como as tecnologias são incorporadas às experiências infantis.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece que as práticas pedagógicas da Educação Infantil devem ser organizadas a partir das interações e da brincadeira, consideradas eixos estruturantes dessa etapa da Educação Básica. Além disso, apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Esses princípios devem orientar o planejamento das atividades, inclusive quando houver utilização de recursos digitais, garantindo que as experiências propostas estejam relacionadas às necessidades e às características das crianças (Brasil, 2018).

Nesse sentido, o papel da escola não consiste simplesmente em ampliar ou restringir o acesso às telas, mas em avaliar de que maneira os recursos tecnológicos podem contribuir para os objetivos educativos. A utilização de vídeos, imagens, histórias digitais e outros materiais pode integrar determinadas propostas pedagógicas, desde que exista uma finalidade definida e acompanhamento do professor. Assim, os dispositivos devem ser compreendidos como recursos complementares, e não como substitutos das experiências de interação, exploração e brincadeira que caracterizam a Educação Infantil.

A mediação docente constitui um aspecto fundamental nesse processo. Na perspectiva de Vygotsky (2007), a aprendizagem ocorre por meio das relações sociais e da participação em atividades mediadas. Dessa maneira, quando o professor utiliza um recurso digital, sua atuação deve favorecer a participação das crianças, estimulando perguntas, observações e diálogos sobre os conteúdos apresentados. Uma história exibida em formato digital, por exemplo, pode ser acompanhada de conversas sobre os personagens e de atividades de expressão oral, permitindo que o recurso tecnológico faça parte de uma experiência educativa mais ampla.

A escolha dos conteúdos também exige atenção por parte dos profissionais da Educação Infantil. É necessário considerar a adequação à faixa etária, a linguagem utilizada, os objetivos pedagógicos e as possibilidades de interação. Oliveira et al. (2021) ressaltam que a análise das experiências digitais deve considerar não apenas o tempo de exposição, mas também a qualidade dos conteúdos e a participação dos adultos. No ambiente escolar, essa compreensão reforça a responsabilidade do professor na seleção de materiais que contribuam para as propostas educativas, evitando a utilização das telas apenas como forma de ocupar o tempo das crianças.

A atuação pedagógica também envolve observar as necessidades e os interesses infantis. Crianças da mesma faixa etária podem apresentar diferentes experiências com dispositivos digitais, dependendo das condições familiares e das oportunidades de acesso. Nesse sentido, o professor precisa considerar essas diferenças ao organizar suas propostas, evitando pressupor que todas possuem os mesmos conhecimentos ou habilidades relacionados às tecnologias. Essa atenção contribui para uma prática educativa mais inclusiva, respeitando as particularidades de cada criança e de seu contexto social.

A aproximação entre escola e família constitui outra possibilidade importante de atuação. Como os hábitos digitais são construídos principalmente no cotidiano doméstico, as instituições de Educação Infantil podem contribuir por meio do diálogo com os responsáveis, compartilhando informações sobre as necessidades das crianças e a importância de experiências diversificadas. Essa orientação pode ocorrer em reuniões, conversas individuais e atividades de aproximação com a comunidade escolar, respeitando as condições e as dificuldades enfrentadas pelas famílias.

Nesse processo, é importante que a escola não adote uma postura de julgamento em relação aos responsáveis, mas procure construir orientações fundamentadas e adequadas às diferentes realidades. As condições de trabalho, o acesso aos recursos tecnológicos e a organização familiar podem influenciar os hábitos digitais das crianças. Assim, a parceria entre família e escola deve favorecer a troca de experiências e a construção de práticas que valorizem tanto as possibilidades educativas das tecnologias quanto a necessidade de preservar momentos de convivência e brincadeira.

Além disso, a formação dos professores representa um aspecto relevante para a utilização consciente dos recursos digitais. A presença de equipamentos tecnológicos nas instituições não garante, por si só, a qualidade das experiências educativas. É necessário que os profissionais compreendam as características do desenvolvimento infantil e sejam capazes de selecionar materiais, estabelecer objetivos e avaliar a pertinência do uso das tecnologias em suas práticas. Dessa maneira, a formação docente pode contribuir para que os recursos digitais sejam utilizados de forma intencional e coerente com os princípios pedagógicos da Educação Infantil.

Portanto, o papel da Educação Infantil diante do uso de telas envolve a mediação docente, o planejamento pedagógico, a seleção de conteúdos e a construção de uma relação de parceria com as famílias. A escola deve reconhecer as tecnologias como parte da realidade social das crianças, mas sua utilização precisa respeitar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento estabelecidos pela BNCC. Assim, a atuação dos professores e das instituições educativas pode contribuir para experiências digitais mais conscientes e equilibradas, sem deixar de valorizar as interações, as brincadeiras e as demais atividades fundamentais à infância.

A discussão sobre a utilização pedagógica das tecnologias também é apresentada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2023), no Relatório de

Monitoramento Global da Educação, intitulado *Technology in education: a tool on whose terms?* O documento destaca que a presença das tecnologias nas instituições educativas não garante, por si só, melhorias na aprendizagem, sendo necessário considerar a adequação dos recursos, os objetivos educacionais e a preparação dos professores. Dessa maneira, a utilização de dispositivos digitais na Educação Infantil deve estar relacionada ao planejamento pedagógico e às necessidades das crianças, evitando que a tecnologia seja incorporada apenas por sua disponibilidade.

A UNESCO (2023) também ressalta que os recursos tecnológicos devem apoiar as relações humanas no processo educativo, e não substituir as interações entre professores e estudantes. Essa orientação apresenta relação com os princípios da Base Nacional Comum Curricular, que estabelece as interações e a brincadeira como eixos estruturantes da Educação Infantil (Brasil, 2018). Assim, a utilização de vídeos, histórias digitais e outros recursos pode complementar determinadas propostas, desde que seja acompanhada pela mediação docente e não reduza as oportunidades de participação das crianças em experiências coletivas.

No contexto brasileiro, o guia publicado pelo Governo Federal (Brasil, 2025a) também apresenta recomendações direcionadas aos educadores e às instituições de ensino, reconhecendo a importância de promover uma relação equilibrada com as tecnologias. Nesse sentido, a escola pode contribuir para a orientação das famílias, esclarecendo dúvidas sobre os hábitos digitais e promovendo o diálogo sobre a importância das brincadeiras, das interações e da organização da rotina infantil. Essa atuação fortalece a parceria entre família e escola, respeitando as diferentes realidades sociais e culturais.

Portanto, as contribuições da UNESCO (2023) e do Governo Federal (Brasil, 2025) reforçam que a utilização das tecnologias na Educação Infantil deve ocorrer de maneira planejada, com objetivos pedagógicos definidos e acompanhamento dos professores. Mais do que disponibilizar equipamentos, cabe à instituição educativa avaliar a pertinência dos recursos digitais e assegurar que sua utilização esteja relacionada aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

5.3 ESTRATÉGIAS PARA O USO CONSCIENTE E EQUILIBRADO DAS TECNOLOGIAS NA INFÂNCIA

A construção de hábitos digitais equilibrados durante a infância exige a adoção de estratégias que possam ser incorporadas à rotina familiar e escolar. Essas ações devem considerar a idade das crianças, suas necessidades de desenvolvimento e as condições em que os dispositivos são utilizados. Nesse sentido, o guia publicado pelo Governo Federal (Brasil, 2025a) apresenta orientações sobre o uso de tecnologias digitais, destacando a importância do acompanhamento dos adultos e da preservação de experiências essenciais ao desenvolvimento infantil.

Uma das estratégias consiste na elaboração de uma rotina com horários definidos para as atividades diárias, evitando que o uso de celulares, tablets e televisores ocorra de maneira contínua. A organização pode incluir momentos destinados às refeições, ao descanso, às brincadeiras e à convivência familiar. Para facilitar a compreensão das crianças pequenas, os responsáveis podem utilizar quadros ilustrados com imagens que representem cada atividade. Essa prática permite que a criança reconheça os diferentes momentos do dia e participe gradualmente da organização de seus hábitos.

Outra possibilidade envolve a criação de alternativas de entretenimento que não dependam dos dispositivos digitais. Atividades como jogos de encaixe, desenho, pintura, leitura de histórias, brincadeiras de faz de conta e exploração de espaços externos podem integrar a rotina infantil. Essas experiências oferecem oportunidades para o desenvolvimento da criatividade, da linguagem, da coordenação motora e da interação social. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, as interações e a brincadeira constituem eixos fundamentais das práticas pedagógicas na Educação Infantil (Brasil, 2018).

No ambiente escolar, uma estratégia prática consiste em utilizar recursos digitais somente quando estiverem relacionados a uma atividade planejada. Por exemplo, após a apresentação de uma história digital, o professor pode propor uma roda de conversa, a representação dos personagens por meio de desenhos ou uma dramatização coletiva. Dessa maneira, a tecnologia funciona como recurso complementar, enquanto a aprendizagem continua sendo desenvolvida por meio da participação e das experiências concretas. Essa orientação está relacionada às recomendações da UNESCO (2023), que destaca a importância de utilizar as tecnologias de acordo com objetivos educacionais definidos.

Também podem ser desenvolvidas ações de orientação às famílias, como a distribuição de materiais informativos, a realização de oficinas e a elaboração de combinados sobre o uso dos dispositivos. Nessas atividades, podem ser apresentadas sugestões de brincadeiras, cuidados com a exposição a conteúdos inadequados e formas de organizar os momentos de utilização das telas. Muller e Fantin (2022) ressaltam a importância das mediações familiares e escolares, considerando as diferentes condições sociais e culturais que influenciam as experiências digitais das crianças.

Portanto, a utilização consciente e equilibrada das tecnologias depende de estratégias simples, contínuas e adequadas à realidade de cada criança. A definição de horários, a valorização das brincadeiras, a escolha de atividades educativas e o diálogo entre família e escola representam possibilidades para reduzir a exposição excessiva e ampliar as experiências de aprendizagem. Essas medidas não pretendem eliminar as tecnologias do cotidiano infantil, mas favorecer sua utilização de maneira responsável, preservando as oportunidades de desenvolvimento cognitivo e social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os possíveis impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e social de crianças da Educação Infantil, considerando a importância da mediação familiar e escolar. A partir da revisão bibliográfica, foi possível compreender que os efeitos da utilização das tecnologias dependem do tempo de exposição, dos conteúdos acessados e das condições em que ocorre seu uso.

Em resposta ao problema de pesquisa, os resultados indicaram que a exposição excessiva às telas pode estar associada a dificuldades relacionadas à atenção, à linguagem, ao sono e às interações sociais. Além disso, o uso prolongado dos dispositivos pode reduzir o tempo destinado às brincadeiras, às atividades físicas e à convivência presencial. Entretanto, essas dificuldades não podem ser atribuídas exclusivamente às tecnologias, pois o desenvolvimento infantil também é influenciado por fatores familiares, sociais e educacionais.

A pesquisa também permitiu compreender a presença das tecnologias no cotidiano infantil e a importância da atuação conjunta da família e da escola. Nesse sentido, a organização de horários, a seleção de conteúdos adequados e o incentivo às brincadeiras representam estratégias que podem contribuir para uma utilização mais consciente e equilibrada dos dispositivos digitais.

Como limitação, destaca-se que o estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica, sem coleta de dados com crianças, famílias ou professores. Além disso, as diferenças metodológicas entre as pesquisas analisadas dificultam a generalização dos resultados, indicando a necessidade de novos estudos sobre o tema.

Conclui-se que o uso das tecnologias digitais na infância exige acompanhamento e equilíbrio, sendo fundamental preservar as experiências de interação, brincadeira e aprendizagem. Dessa forma, a família e a escola desempenham papel importante na construção de hábitos que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Jayne Cristina Franco de; CAETANO, Luís Miguel Dias; AQUINO, Carla Cristiane Franco de. Tecnologias digitais na primeira infância: experiências e riscos na interação com telas. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 13, n. 38, 2022. DOI: 10.26514/inter.v13i38.6081. Disponível em: https://doi.org/10.26514/inter.v13i38.6081. Acesso em: 31 ago. 2026.

AMARANTE, Suely. **O uso das telas e o desenvolvimento infantil**. Fiocruz, jan. 2022. Disponível em: https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=35:uso-das-telas&catid=8 Acesso em: 31 ago. 2026.

ARAÚJO, Isabella Francisca Monteiro de *et al*. O impacto da exposição a telas no desenvolvimento infantil: evidências e recomendações práticas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**,

v. 6, n. 11, p. 3938-3949, 2024. Disponível em : https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n11p3938-3949 Acesso em: 31 ago. 2026.

AZEVEDO, Elisa Cardoso *et al.* Uso da mídia digital nas interações entre mãe e filho: diferenças nos primeiros anos de vida dos bebês. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 32, e3210, 2022. DOI: 10.1590/1982-4327e3210. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-4327e3210. Acesso em: 31 ago. 2026.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais**. Brasília, DF: Governo Federal, 2025a. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/para-baixar Acesso em: 31 ago. 2026.

BRASIL. **Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025**. Dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais (Estatuto Digital da Criança e do Adolescente). Brasília, DF: Presidência da República, 2025b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15211.htm Acesso em: 31 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/base-nacional-comum-curricular-bncc Acesso em: 31 ago. 2026.

BRITO, Paloma Karen Holanda *et al.* Repercussão da pandemia da Covid-19 no uso de telas na primeiríssima infância. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 44, e20230012, 2023. DOI: 10.1590/1983-1447.2023.20230012.pt. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20230012.pt. Acesso em: 31 ago. 2026.

BUENO, Iverson Rodrigo Monteiro Cerqueira. O uso excessivo de telas por crianças: uma análise fisiológica, social, comportamental e respectivas consequências dos ambientes digitais. **Revista Jurídica-Direito, Justiça, Fraternidade & Sociedade**, v. 1, n. 5, p. 93-106, 2025. Disponível em: https://revista.sentencadozero.com/index.php/rjsdz/article/view/361. Acesso em: 31 ago. 2026.

COLMAN, Danielli Taques; PROENÇA, Sirlei de. Tempo de tela e a primeira infância. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, Ponta Grossa, v. 18, n. 1, 2021. Disponível em: https://iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/1842. Acesso em: 31 ago. 2026.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Estatísticas TIC para crianças de 0 a 8 anos de idade. São Paulo: **CGI.br**; NIC.br, fev. 2025. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20250210193221/estatisticas_tic_criancas.pdf. Acesso em: 17 nov. 2026.

COYNE Sarah M, et al. The Growth of Problematic Media Use Over Early Childhood: Associations with Long-Term Social and Emotional Outcomes. **Comput Human Behav**, v. 159, p. 108350, 2024. Disponível em: doi: 10.1016/j.chb.2024.108350 Acesso em: 31 ago. 2026.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais**: os perigos das telas para nossas crianças. 2 ed. São Paulo: Vestígio, 2024.

DIAS, Dalzirene S et al. A hora do sono. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação.** São Paulo, v.8.n.10. out. 2022. Disponível em: doi.org/10.51891/rease.v8i10.7405 Acesso em: 31 ago. 2026.

FRIZZO, Giana Bitencourt. O uso de telas na primeira infância: o que mudou na pandemia COVID-19 e que lições ainda temos a aprender? **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 5-7, 2022. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2022.000217. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2022.000217. Acesso em: 31 ago. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

KAR, Subhranshu Sekhar et al. Impact of Screen Time on Development of Children. **Children,** v. 12,p. 1297, 2025. Disponível em 10.3390/children12101297 Acesso em: 31 ago. 2026.

LARA, Juliana Siqueira de *et al*. Entre telas e teclas: pesquisa-intervenção com crianças e adolescentes na pandemia. **Cadernos CEDES,** Campinas, v. 42, n. 118, 2022. DOI: 10.1590/CC253105. Disponível em: https://doi.org/10.1590/CC253105. Acesso em: 31 ago. 2026.

HAIDT, Jonathan . **A geração ansiosa**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das letras, 2024.

MAIA, Heber. **Neurociências e Desenvolvimento Cognitivo**. 3 ed. São Paulo: Wak, 2017.

MACHADO, Maria E.C. A influência das telas no desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças da educação infantil. **Revista Ciências Humanas, educação**, v. 29, ed. 150, 2025. Disponível em: DOI: 10.69849/revistaft/cs10202509071458 Acesso em: 03 set. 2026.

MADIGAN, S. et al. Association between screen time and children's performance on a developmental screening test. **JAMA Pediatrics**, v. 173, n. 3, p. 244-250, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2018.5056. Acesso em: 03 set. 2026.

MALLAWAARACHCHI, S. et al. Early childhood screen use contexts and cognitive and psychosocial outcomes: a systematic review and meta-analysis. **JAMA Pediatrics**, v. 178, n. 10, p. 1017-1026, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2024.2620. Acesso em: 03 set. 2026.

MERÍN, Llanos et al. Evaluation of the association between excessive screen use, sleep patterns and behavioral and cognitive aspects in preschool population: a systematic review. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 33, p. 4097-4114, 2024. Disponível em : DOI: 10.1007/s00787-024-02430-w Acesso em: 03 set. 2026.

MULLER, Juliana Costa; FANTIN, Monica. Mediações familiares e escolares entre crianças e tecnologias digitais. **Pro-Posições,** Campinas, v. 33, e20200085, 2022. DOI: 10.1590/1980-6248-2020-0085. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0085. Acesso em: 31 ago. 2026.

NEPOMUCENO, Raquel de Sousa; GOMES, Máyra Laís de Carvalho; CLARO, Lisiane Costa. Tela para quê? percepção de educadoras e familiares sobre o uso de telas em crianças na Educação Infantil. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 23, e64651, 2025. DOI: 10.23925/1809-3876.2025v23e64651. Disponível em: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2025v23e64651. Acesso em: 31 ago. 2026.

OLIVEIRA, Anna Laura Silva *et al.* Os impactos do uso de telas no neurodesenvolvimento infantil. **Revista Educação em Saúde**, Anápolis, v. 9, supl. 3, p. 103, 2021. Disponível em: https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/6088 Acesso em: 31 ago. 2026.

PALANGANA, Isilda C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski**: a relevância do social. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

TAKAHASHI, Ippei MM et al. Screen exposure time at 12 months and delays in communication and problem-solving development at 2 and 4 years of age. **JAMA Pediatrics**, v. 177, n. 10, p. 1039-1046, 2023. Disponível em: https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2808593 Acesso em: 03 set. 2026.

UNESCO. **Global education monitoring report 2023**: technology in education: a tool on whose terms? Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://www.unesco.org/gem-report/en/publication/technology. Acesso em: 03 set. 2026.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YUAN, Rui et al. The relationship between screen time and gross motor movement: a cross-sectional study of pre-school aged left-behind children in China. **PLOS ONE,** v. 19, n. 4, e0296862, 2024. Disponível em : DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0296862 Acesso em: 03 set. 2026.

XU Meixu, et al. Relationship Between Screen Use and preschoolers' Social-Emotional Problems Among Highly Educated Migrant Families: A One-Year Follow-Up Study. **J Pediatr Health Care**., v. 39, n. 2, p. 217-224, 2025. Disponível em: doi: 10.1016/j.pedhc.2024.11.009. Acesso em: 03 set. 2026.